

RESUMO

Farnochi, G. M. (2021). Narrativas de pessoas sobre seu processo terapêutico em terapia de casal. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

No campo científico, tem crescido o interesse em compreender como diferentes modalidades de terapia funcionam, o que inclui a terapia de casal. No entanto, talvez por se tratar de prática recente se comparada às abordagens terapêuticas individuais, muitas questões permanecem inexploradas. Nesta pesquisa, objetivamos compreender como casais que passaram por terapia de casal narram o processo terapêutico por eles vivenciado. Teoricamente, nos orientamos pelas contribuições construcionistas sociais e delineamos nossa investigação tendo como inspiração as contribuições de John Shotter, buscando compreender como “momentos marcantes” vivenciados na terapia são narrados e conectados às mudanças alcançadas por meio do processo terapêutico. Participaram desta pesquisa seis casais heterossexuais que passaram por terapia de casal, sendo cinco casados e um divorciado. Para acesso aos participantes, utilizamos predominantemente a técnica “bola de neve”. Realizamos entrevistas abertas separadamente com cada cônjuge, nas quais perguntamos sobre momentos marcantes vivenciados em terapia e relações com o processo terapêutico. A análise foi realizada em dois momentos. No primeiro deles, construímos narrativas sobre o processo terapêutico de cada casal, quando unimos as narrativas individuais em uma narrativa única sobre processo terapêutico, buscando construir relações entre momentos marcantes, motivação para terapia e mudanças experimentadas no processo terapêutico. Em um segundo momento, realizamos uma análise temática das entrevistas, que resultou na produção de três temas: (1) Motivação pela terapia, focando nas razões pelas quais os casais buscaram a terapia de casal, (2) Processo terapêutico, dando visibilidade para como as pessoas entrevistadas vivenciaram o encontro terapêutico, com destaque à participação do terapeuta; e (3) Mudanças após a terapia de casal, relatando as principais mudanças descritas pelos casais após as sessões de terapia. Esses temas foram discutidos com base na literatura sistêmica e construcionista social no campo da terapia de casal. Nossos resultados sugerem que os momentos marcantes, geralmente, são vivenciados de forma individualizada pelos cônjuges, ou seja, o momento significativo de um parceiro, não é, necessariamente, o mesmo identificado pelo outro. Esses momentos marcantes são seguidos por acontecimentos e reflexões que são como gatilhos para mudanças acontecerem na relação do casal e também para a compreensão de questões individuais. Como motivação para a terapia de casal, o nascimento dos filhos e a busca por mais espaços de diálogo foram comumente apontados pelos participantes. Durante o processo terapêutico os casais relatam a participação ativa do terapeuta, direcionando a conversa e oferecendo novas possibilidades de entendimento sobre uma mesma ideia. As mudanças após a terapia de casal carregam a continuidade das conversas em terapia além daquele contexto, ampliando os momentos dialógicos dos cônjuges. Esperamos, com nossa pesquisa, contribuir com produção de conhecimento sobre processo terapêutico em terapia de casal, de forma a auxiliar os profissionais desse campo a reconhecerem como a mudança se produz relacionalmente e é narrada por clientes (Apoio: CAPES. Código financiamento: 001).

Palavras-chave: tratamento e prevenção psicológica; terapia de casal; processo terapêutico; narrativas; construcionismo social.

ABSTRACT

Farnochi, G. M. (2020). Narratives of people about their therapeutic process in couple therapy. Master Thesis, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

In the scientific field, interest has grown in understanding how different types of therapy work, including couple therapy. However, perhaps because it is a recent practice compared to individual therapeutic approaches, many issues remain unexplored. In this research, we aim to understand how couples who have undergone couple therapy narrate the therapeutic process they experienced. Theoretically, we are guided by social constructionist contributions and we outline our investigation taking inspiration from the contributions of John Shotter, seeking to understand how “remarkable moments” experienced in therapy are narrated and connected to the changes achieved through the therapeutic process. Six heterosexual couples who underwent couple therapy participated in this research, five married and one divorced. For access to the participants, we predominantly use the “snowball” technique. We conducted open interviews separately with each spouse, in which we asked about remarkable moments experienced in therapy and relationships with the therapeutic process. The analysis was carried out in two moments. In the first one, we build narratives about the therapeutic process of each couple, when we combine the individual narratives in a single narrative about the therapeutic process, seeking to build relationships between remarkable moments, motivation for therapy and changes experienced in the therapeutic process. In a second step, we conducted a thematic analysis of the interviews, which resulted in the production of three themes: (1) Motivation by therapy, focusing on the reasons why couples seek couples therapy, (2) Therapeutic process, giving visibility to how the people interviewed experienced the therapeutic encounter, with emphasis on the participation of the therapist; and (3) Changes after couple therapy, reporting the main changes described by couples after therapy sessions. These themes were discussed based on the systemic and social constructionist literature in the field of couple therapy. Our results suggest that the remarkable moments are generally experienced in an individualized way by the spouses, that is, the significant moment of a partner, is not necessarily the same identified by the other. These remarkable moments are followed by events and reflections that are as triggers for changes to happen in the couple's relationship and also for the understanding of individual issues. As a motivation for couple therapy, the birth of children and the search for more spaces for dialogue were commonly mentioned by the participants. During the therapeutic process, couples report the active participation of the therapist, directing the conversation and offering new possibilities for understanding the same idea. The changes after the couple therapy carry the continuity of the conversations in therapy beyond that context, expanding the dialogical moments of the spouses. We hope, with our research, to contribute to the production of knowledge about the therapeutic process in couple therapy, in order to help professionals in this field to recognize how change is produced relationally and is narrated by clients.

Financial support: CAPES. Financing Code: 001.

Keywords: couple therapy; therapeutic process; narratives; social constructionism.

1. INTRODUÇÃO

O interesse em produzir conhecimento sobre como a terapia funciona acompanha o desenvolvimento das diferentes modalidades terapêuticas e linhas teóricas. Mais recentemente, o interesse científico sobre este tema tem crescido, por meio de estudos, que ora iluminam fatores comuns às diferentes modalidades terapêuticas, ora a fatores inespecíficos, presentes nas terapias em geral (Diniz Neto & Feres-Carneiro, 2005; Trancas; Melo & Santos, 2008; Brum et al., 2012; Paula-Ravagnani, Guanaes-Lorenzi, Rasera & McNamee, 2016; Paula-Ravagnani, 2019).

No campo específico da terapia de casal, foco deste trabalho, isso também tem sido uma preocupação. Conforme apresentaremos a seguir, esforços em produzir conhecimentos sobre as particularidades dessa modalidade de intervenção têm sido desenvolvidos por autores de diferentes áreas e filiações teóricas. Ainda assim, talvez por se tratar de prática recente se comparada às abordagens terapêuticas individuais, muitas questões permanecem inexploradas.

O presente estudo tem como objetivo contribuir com a compreensão da construção da mudança em processos terapêuticos, focando especialmente o campo da terapia de casal. Buscaremos compreender como casais que passaram por terapia de casal narram o processo terapêutico por eles vivenciado. Metodologicamente, desenhamos nossa investigação por meio da busca por momentos marcantes, confiantes de que, em diálogo, pudéssemos compreender importantes elementos do processo por eles vivenciados, assim ganhando pistas sobre como se dá a construção conversacional da mudança.

Para construir a justificativa e a relevância dessa investigação, apresentaremos, neste capítulo, primeiramente um panorama do campo da terapia de casal, buscando situar o leitor na compreensão do que caracteriza essa prática e como se deu a construção do campo. Em seguida, abordaremos as nuances do processo terapêutico diante de uma orientação construcionista social, dando enfoque sobre a construção do processo de mudança em um contexto terapêutico. Ainda na introdução, falaremos de algumas pesquisas sobre terapia de casal, que abordam a produção de sentidos sobre o processo terapêutico e também sobre mudança. Logo após, apresentamos a justificativa e os objetivos desta pesquisa. Abaixo, descrevemos a metodologia, explicitando o contexto, os participantes e a forma como foi feita a produção e a análise dos dados. Por fim, apresentamos os resultados de nossa investigação e a discussão, relacionando a pesquisa com a literatura da área.

Consideramos importante anunciar que vamos utilizar a primeira pessoa do plural ao longo de todo o texto, pois compreendemos o processo da pesquisa como um fazer conjunto. Em alguns momentos, como nas descrições dos trechos das entrevistas, usaremos a primeira pessoa do singular, pois apenas uma das pesquisadoras esteve presente nessas conversas com os participantes. É válido acrescentar que escolhemos usar o pronome masculino quando nos referimos de forma generalizada aos casais, com a finalidade de simplificar e facilitar a leitura do texto.

1.1. Terapia de casal: a construção do campo.

A ideia de trabalhar com o casal¹ como unidade de tratamento é relativamente nova: tem aproximadamente 60 anos. No início, o casal era composto por dois indivíduos, os quais eram tratados na abordagem psicodinâmica. Os cônjuges eram analisados individualmente, em geral por dois terapeutas diferentes. No entanto, mudanças na compreensão sobre casal permitiram a descrição deste como uma “terceira parte”: existiria um eu, um você e um nós. Cada uma das partes deveria ser observada e levada em consideração, pois cada uma delas teria um significado na vida do casal (Satir, 1995). Esta compreensão abriu caminho para novas descrições sobre a relação conjugal e o processo terapêutico, o que se deu a partir de diferentes referenciais teóricos.

Segundo Broderick e Schrader (1991, citado por Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2008), a terapia de casal teve início no contexto norte-americano e passou por quatro estágios desde o seu surgimento até o momento em que essa prática clínica passou a ser utilizada por um maior número de pessoas. O primeiro estágio, de 1929 até 1932, é conhecido como “estágio de pioneirismo”, iniciando com a fundação dos três maiores institutos clínicos de aconselhamento matrimonial naquela época, onde predominava uma abordagem atórica, focal e de curto prazo, em que os profissionais eram guiados pelo “bom senso”. Os primeiros “conselheiros matrimoniais” eram indivíduos formados em diferentes profissões, que aconselhavam os casais a como lidar com as dificuldades dentro do casamento, como uma atividade auxiliar. Já, o segundo estágio, deu-se entre 1934 e 1945, denominado como “estágio do estabelecimento”, marcado pela criação da American Association of Marriage Counselors – AAMC. Esta fundação foi importante para a evolução da formação; no entanto, os atendimentos continuaram da mesma forma. O terceiro período, compreendido entre 1946 e 1963, foi conhecido como “estágio de consolidação”, o que levou ao reconhecimento da profissão de “conselheiro matrimonial” no ano de 1963. Por último, o quarto período, de 1964 a 1981, segundo L’ Abate e MacHenry (1983, citado por Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2008) foi chamado de “estágio de formação” e conhecido como um momento de intenso crescimento e de competências. A partir destas fases iniciais, a terapia de casal se consolida como uma modalidade terapêutica, ganhando forma na medida em que se associa a diferentes referenciais teórico-epistemológicos.

¹ A definição do que caracteriza uma relação conjugal varia em função dos diferentes referenciais teóricos – e, conseqüentemente, também as definições de terapia de casal serão bastante diferentes, conforme detalharemos adiante.

Assim como outros campos de prática, o campo da terapia de casal está marcado, hoje, pela presença de diferentes referenciais teóricos, dentre os quais citamos: o psicanalítico, o cognitivo-comportamental, o sistêmico e o pós-moderno/construcionista social². Na psicanálise de casal há uma ênfase no passado, na história dos indivíduos e nos processos inconscientes tanto como causa de um sintoma quanto como meio de transformá-lo. Os teóricos desse referencial compreendem os sintomas apresentados pelos cônjuges como decorrentes de experiências passadas, geralmente de relações vivenciadas na infância, que foram reprimidas fora da consciência. Nesse sentido, o método terapêutico mais utilizado é o interpretativo e os tratamentos possuem uma duração mais longa, na maioria das vezes (Féres-Carneiro, 1994).

Na terapia cognitivo-comportamental, a qual tem sido instrumento de trabalho de muitos terapeutas de casal na atualidade, se aplicam as proposições de Beck (1995, citado por Peçanha & Rangé, 2008). Esse autor apontou que os problemas vivenciados dentro do casamento podem estar relacionados às cognições disfuncionais de ambos os parceiros. Um dos principais objetivos dessa terapia no tratamento de casais em conflito é reestruturar cognições inadequadas, manejar as emoções dos cônjuges, modificar os padrões disfuncionais de comunicação e criar estratégias mais eficazes para resolução dos problemas cotidianos.

Em contrapartida, segundo Vasconcellos (2014), quando falamos de pensamento sistêmico, estamos nos referindo a um novo paradigma da ciência, nos apoiando nos pressupostos da complexidade, da intersubjetividade e da instabilidade.

Encarar a complexidade do sistema, significa ampliar o foco de observação quando olhamos para uma família, ou seja, oferecer visibilidade a todas as relações que existem naquele sistema, inclusive a do próprio terapeuta com os membros da família. Pensar sistemicamente também é parar de buscar a causa de um determinado problema em uma única pessoa, é responsabilizar todos os membros da família, por entender que cada um deles está contribuindo, de modo diferente, para manter aquele funcionamento,

² Neste projeto, usamos os termos “pós-moderno” e “construcionismo social” associados, embora entendamos que não se tratam de sinônimos. Há, no campo da terapia familiar, um reconhecimento de que o movimento construcionista social articula-se à uma sensibilidade pós-moderna, sobretudo pela ênfase dada à linguagem e à problematização das metanarrativas (McNamee, 1998). No campo da terapia familiar e de casal, tanto os autores que se autoneiam como pós-modernos, como aqueles que se autoneiam como construcionistas sociais buscam abandonar descrições das famílias e dos casais a partir de uma linguagem de padrões e de regularidades. Alternativamente, focalizam os processos discursivos/ narrativos de construção dos relacionamentos (Guañes-Lorenziet.al., 2014).

possibilitando a compreensão de uma causalidade circular, e não mais linear, para aquela situação (Vasconcellos, 2014).

Ainda nos referindo a pensamento sistêmico, de acordo com Vasconcellos (2014), a intersubjetividade se refere ao terapeuta se reconhecer como sendo parte daquele sistema com que trabalha, permitindo-se validar diferentes realidades e co-construir possíveis caminhos junto com a família.

Ademais, a terceira dimensão do pensamento sistêmico, a instabilidade, nos traz a ideia de que a linguagem constrói a realidade, ou seja, propõe o uso do verbo “estar” e não do verbo “ser”, oferecendo a possibilidade de compreender aquela situação de forma mutável, passível de transformação e de mudança (Vasconcellos, 2014).

Desse modo, na abordagem Sistêmica, a família é considerada um sistema aberto e em constante mudança, é um grupo delimitado por fronteiras, que se organiza em subsistemas menores e se insere em sistemas maiores, assumindo uma função autorreguladora, a qual busca manter a homeostase do sistema (Costa, 2010). Nesse sentido, a família é um sistema que busca manter o equilíbrio, resistindo aos processos de mudança, pois mantém o sintoma como parte de seu funcionamento. O objetivo da terapia é provocar uma crise na família e romper esse mecanismo de regulação, de forma que a família não necessite mais do sintoma e possa se reorganizar sem ele (Rapizo, 2002).

A ideia é observar diretamente a interação entre os membros da família, com o intuito de mudar o padrão de comunicação, já que os conflitos são vistos como resultado de um padrão equivocados. As principais escolas que representam a orientação sistêmica são: (1) Escola de Palo Alto, a qual propõe uma terapia breve e objetiva, evidenciando os padrões de comunicação da família e oferecendo enfoque na solução de problemas; (2) Escola Estratégica, que observa as regras familiares que sustentam o problema e mantém o sistema, com o objetivo de mudar as regras desse sistema e solucionar o problema; (3) Escola Estrutural, a qual valoriza a estrutura familiar e sua funcionalidade, de modo a mapear fronteiras, dinâmica de interações e repetições de comportamentos e, (4) Escola de Milão, que se preocupa em envolver recursos e ações que impliquem todos os membros da família, de forma que se faça aliança com todos (Costa, 2010).

O desenvolvimento das correntes sistêmicas deu-se no mesmo período histórico em que veio a ocorrer a evolução da teoria cibernética. Esse termo é usado para se referir ao campo do conhecimento que se propõe a estudar a comunicação e o controle, visando criar uma teoria voltada para os sistemas em geral. A cibernética é considerada uma teoria sistêmica, pois esta desloca o foco de um elemento individual que compõe algum

conjunto e volta o olhar para as relações entre esses elementos (Vasconcellos, 2009, citado por Paula-Ravagnani, 2015).

Na história da cibernética, ocorre uma distinção entre cibernética de 1ª ordem e cibernética de 2ª ordem, e cada uma delas contribui, de formas diferentes, para o campo da terapia familiar sistêmica. Segundo Rapizo (2016), na cibernética de 1ª ordem os sistemas tendem a funcionar com uma meta, procurando manter relações regulares com seus componentes, com a finalidade de garantir o equilíbrio do sistema por meio da regulação e da correção da falha. Isso implica, voltando o olhar para a prática clínica, que o terapeuta se coloque em um sistema separado da família, planeje estratégias e intervenções atuando a partir de uma postura externa, considerando seu panorama acerca do sistema familiar como neutro e objetivo.

Na cibernética de 2ª ordem, desenvolvida a partir da década de 70, o observador passa a ser considerado parte do sistema que observa, ou seja, passa a incluir a si mesmo nas descrições e nos apontamentos que faz sobre os fenômenos e os objetos, recolocando no campo temas como subjetividade, construção de sentidos, linguagem e significado (Rapizo, 2016)

A partir da década de 1980, as correntes pós-modernas/construcionistas sociais adentraram o campo da terapia familiar e de casal, propondo novas metáforas para compreender o processo terapêutico, sobretudo considerando a terapia como um processo conversacional/dialógico de reconstrução de significados. Segundo Moscheta (2014), os autores pós-modernos consideram a ciência moderna como uma metanarrativa, que presume existir uma forma única e mais verdadeira de conhecermos a realidade. Em contraste, a pós-modernidade questiona a possibilidade de acesso a uma única verdade, priorizando os discursos que são produzidos sobre a realidade e provocando a análise de suas implicações.

Assim, prioriza-se a compreensão discursiva porque não contamos com a existência de uma realidade única, e sim de diversas formas de compreensão do mundo, que poderão nos levar a diferentes lugares e possibilidades de entendimento sobre um determinado tema. Ao mesmo tempo, entende-se que, ao privilegiar determinadas descrições, também estaremos limitando as nossas possibilidades àquelas que apontamos como alternativa mais próxima dos sentidos que desejamos atribuir (Moscheta, 2014).

Transpondo estas reflexões para o campo da terapia de casal, podemos construir alguns contrastes entre as ênfases moderna e pós-moderna. Em uma ênfase moderna, a busca por terapia viria acompanhada de uma expectativa de que o terapeuta possa resolver

os problemas que o cliente apresentar, de forma a diminuir o sofrimento e oferecer diferentes caminhos como possibilidade de seguimento. Para que isso aconteça dessa forma, seria importante que o terapeuta pudesse definir qual é o problema, quais são as causas e oferecer estratégias de enfrentamento para o cliente (Grandesso, 2018). Dentro dessa abordagem, o terapeuta ocupa uma posição central, um lugar de saber, no qual ele deve interpretar o sintoma e o significado de determinado comportamento para que seja possível definir estratégias de intervenção. A terapia, nesse contexto, se apoia nos princípios da objetividade, racionalidade e de algumas diretrizes ditas como verdade.

Na década de 1980, o campo da terapia familiar e de casal carregou mudanças relevantes para a prática clínica. A virada epistemológica pós-moderna acompanhou as críticas aos discursos sobre “verdades” e aos conhecimentos ditos como corretos. O pensamento pós-moderno, tem como base a ideia de construção social, ressaltando que aquilo que conhecemos como sendo realidade é construído relacionalmente, por meio das nossas relações e da linguagem que utilizamos para nos expressar e nos comunicar (Grandesso, 2018).

Nesse sentido, o terapeuta deixa de ser compreendido como aquele que tem o saber, não é mais o especialista em diagnosticar os problemas, suas causas e soluções. A terapia passa a ser vista como uma ação social, já que a relação entre terapeuta e cliente é construída por meio da linguagem. Assim, os problemas não fazem mais parte do indivíduo ou da família em si, passam a ser compreendidos no campo do significado, envolvendo as relações e a linguagem, de forma que novos significados possam ser construídos e as possibilidades possam ser ampliadas (Gergen, 2006; Grandesso, 2018).

Nesse sentido, conforme apresenta Grandesso (2000), em uma orientação pós-moderna, a terapia de casal se apresenta como um contexto organizador de um diálogo qualificado em que a transformação de cada um dos participantes e da relação construída por eles será favorecida. Para que essa conversação seja terapêutica ela deverá impulsionar os indivíduos para que construam novas possibilidades de significado, como se reescrevessem a experiência vivida a partir de novos marcos de sentido. Neste enfoque, a terapia de casal tenta criar um contexto que favoreça novas possibilidades de construção e reconstrução das experiências vivenciadas pelo casal, de forma que eles possam compreender o processo de construção compartilhada de sentidos, levando-os a se posicionarem de diferentes formas em relação ao outro (Santos, 2005).

Assim, diferentes abordagens terapêuticas apresentam leituras distintas acerca dos processos vivenciados pelas pessoas que procuram terapia de casal – seja acerca das

próprias motivações e indicações para terapia de casal, seja acerca de como o processo terapêutico se desenvolve em cada uma das orientações. Considerando os objetivos deste estudo e o marco teórico-metodológico por nós adotado, apresentaremos a seguir alguns elementos que nos permitem compreender a terapia de casal por meio de uma orientação pós-moderna / construcionista social.

1.2. Terapia de casal e processo terapêutico em uma orientação construcionista social.

Para Gergen e Warhuus (2001), não existe um método construcionista social de terapia, mas existem formas diversas de compreender a realidade, a partir de diferentes construções sociais, que estão presentes na cultura, na maioria das vezes. O construcionismo compreende a terapia como “construção de mundos” (p.36) e realidades construídas no processo terapêutico, reconhecendo também que “verdades” existem para determinados contextos. A ideia não é desconstruir a realidade do cliente, mas propor a suspensão dessa realidade, e convidá-lo a questionar o paradigma em que se apoia nos momentos que esse ideal passa a ser problemático ou traz sofrimento para esse cliente (Gergen e Warhuus, 2001).

Ainda para esses autores, é válido ressaltar que quando consideramos o construcionismo social uma lente teórica para pensar a prática clínica e o processo terapêutico, estamos oferecendo lugar para um terapeuta colaborativo com o cliente, construindo novas perspectivas com ele, e deixando de lado uma postura mais autoritária e provida de saberes, abandonando o “certo” e o “errado” e a hierarquia presentes em algumas linhas teóricas tradicionais.

É nesse sentido que, para Gergen e Warhuus (2001), o terapeuta passa a assumir uma posição de “não saber”, trazendo o sentido de um terapeuta interessado nas narrativas do cliente, compreendendo que não é possível entender o outro completamente, é preciso sempre de mais informações sobre aquele assunto, de aprender mais sobre o aquilo que foi dito, e também sobre o que não foi dito, colaborando com o cliente na construção de novos entendimentos.

Dessa forma, os diálogos construcionistas propõem 4 movimentos: (1) sair do discurso da mente e voltar o olhar para a linguagem, para como ela constrói o mundo daquele cliente e como desenha suas relações; (2) deixar de lado o foco no *self* e oferecer um enfoque maior para as relações, tanto do cliente com o terapeuta quanto do cliente com a família e com outras redes sociais; (3) sair do enfoque singular e propor a

polivocalidade, como olhar para as múltiplas realidades do cliente e, por último (4) tirar o foco dos problemas e voltar para as potencialidades; já que construímos os “problemas” a partir da nossa linguagem, é possível orientar o olhar para outra direção (Gergen e Warhuus, 2001).

Após um panorama sob a lente teórica do construcionismo social na construção do processo terapêutico, é importante darmos enfoque para a terapia de casal em um contexto construcionista. Desse modo, para Grandesso (2006), a terapia de casal é procurada pelas pessoas com o intuito de encontrar caminhos para que a convivência com o parceiro seja harmoniosa, para que os espaços de diálogos sejam construídos conjuntamente e possam ser levados para além da prática clínica. Segundo a autora, na contemporaneidade, os relacionamentos amorosos são marcados pela livre escolha, giram em torno de descobrir como é o mundo de um novo parceiro amoroso e do sentimento de querer experimentar novas emoções e enxergar novas partes de destaque em si mesmo.

A formulação do sentido de si mesmo pode ser explicada como uma construção social, que define um *self* em processo, o qual continua em intensa transformação. Dessa forma, o conceito de identidade passa por um paradoxo que é a mudança e a continuidade, pois mesmo que se trate de uma identidade aberta e pronta para novas possibilidades de sentido, preserva-se uma continuidade do que a pessoa é, como ela se reconhece e como é reconhecida pelos outros. O mesmo ocorre com os relacionamentos amorosos, já que pressupõe uma abertura para novos ajustes ao longo dos anos e, em conjunto com isso, a manutenção de uma identidade relacional, enfatizando a qualidade de determinada relação e a preservação de um tipo especial de vínculo (Grandesso, 2006).

Para Anderson (1997), em uma visão pós-moderna, o sistema terapêutico é definido como um sistema linguístico, não é um produto de organização social. A linguagem é fruto do nosso domínio linguístico, ou seja, elas existem nas nossas descrições, no nosso contexto, produzindo narrativas específicas, significados particulares para cada um, gerando diferentes entendimentos sobre um mesmo problema, a depender de quem está presente naquele contexto. Desse modo, segundo Rasera e Japur (2004), os problemas passam a organizar determinado sistema e, não mais o sistema que produz e desenvolve determinados problemas.

É possível dizer, com base nessa descrição, que quando um casal procura terapia ele se organiza discursivamente em torno de um problema, orientando assim as narrativas de um casal acerca de si mesmo e de cada um de seus membros. O foco desta forma de trabalhar clinicamente não está no conteúdo – problemas e soluções –, mas no processo

através do qual se conversa sobre algo. O que importa no sistema terapêutico é sua definição como um sistema produtor de sentido.

Assim, Anderson (1997, p. 72, citado por Rasera & Japur, 2004) descreve um sistema terapêutico como:

Um tipo de sistema de linguagem relacional no qual as pessoas (no mínimo, um cliente e um terapeuta) geram significado umas com as outras (...) [o qual] está comprometido em desenvolver linguagem e sentido específicos para si próprio, específicos para sua organização e específicos para sua “dissolução” em torno do problema (p. 436).

Para Anderson (1997), através da conversação dialógica acontece o processo de mudança – isto é, conforme o andamento do diálogo as mudanças surgem como uma possibilidade. Dessa forma, quando produzimos sentido com o outro e compartilhamos a nossa direção, novos temas e entendimentos são conjuntamente produzidos, portanto, o que havíamos denominado como problema pode ser ressignificado, não atribuindo mais esse valor de “problema” como algo negativo e que deve ser “solucionado”. Nesse sentido, a mudança, segundo Rasera e Japur (2004), se dá através das ressignificações dos acontecimentos, das novas nuances e dos diferentes significados atribuídos a situações vivenciadas ou imaginadas.

Nas palavras de Grandesso (2006), no momento em que um casal consegue dialogar a partir de suas crenças diferentes, da sua diversidade de sentimentos e de visão de mundo, aparece a possibilidade de construção de uma visão de mundo conjunta para essa relação. Sob o olhar de uma perspectiva construcionista, a mudança está intrincada ao uso da linguagem. Pensar sobre isso é reconhecer os discursos em relação à mudança que sustentam a prática clínica. Dessa forma:

A terapia constitui-se como uma prática discursiva, uma construção social, produto dos relacionamentos entre as pessoas, situados em contexto e tempo. Importa às terapias com foco na conversação buscar os sentidos de mudança que mais se aproximem da narrativa de problema apresentada pelo cliente e que possam ampliar suas possibilidades de vida e de relacionamento (Guanaes, 2006, p.68).

Segundo Grandesso (2000), a mudança terapêutica, na maioria das vezes, é compreendida como a criação dialógica de novas narrativas, partindo de uma concepção de interpretação de sentidos da prática clínica. Para que os sentidos possam ser reconstruídos é preciso que ocorra uma “quebra de sentido” em determinada narrativa, para que elas possam ser reconstruídas a partir de um novo olhar.

De acordo com Gergen (1999), “mudança, numa terapia colaborativa e dialógica, decorre da conversação que se dá no encontro terapêutico sendo transformadora quando

consegue promover mudanças numa relação entre indivíduos que, do contrário, estariam comprometidos com realidades separadas e antagônicas” (p. 30-31).

Quando pensamos em um contexto de uma terapia colaborativa e dialógica mantemos em vista o ouvir e o responder responsivo, de modo que todas as vozes possam ser consideradas igualmente relevantes para o processo terapêutico. O acontecer de uma terapia orientada por essa postura envolve palavras, gestos, ações entre os participantes da conversa, sejam eles terapeutas ou clientes, e nesse envolvimento poderão surgir infinitas possibilidades comunicacionais (Grandesso, 2018). Nesse sentido, Grandesso (2018), explica como deve ser uma conversa para que seja considerada dialógica:

Para que uma conversa seja considerada dialógica, alguns processos se entrelaçam em formas de escuta e de fala em tempo presente que, seguindo a espontaneidade dos envolvidos na conversa, envolve um genuíno desejo de escutar para compreender o outro em seus próprios termos e falar, de modo relacionalmente responsável (p. 154)

Dessa forma, espera-se que no momento em que os casais dialoguem, eles consigam ampliar suas descrições de si mesmo e do problema que os levem à terapia de casal. A ideia é a de que, juntos, eles possam reconstruir a relação a dois, desenvolvendo uma linguagem alternativa e comum para permanecerem em diálogo.

Considerando os objetivos deste estudo, apresentamos a seguir algumas reflexões sobre pesquisas sobre terapia de casal e processo terapêutico.

1.3 Pesquisas sobre terapia de casal e processo terapêutico.

Como dissemos, tem crescido, no âmbito científico, o interesse em compreender como a terapia funciona, através de estudos que ora iluminam fatores comuns às diferentes modalidades terapêuticas, ora a fatores inespecíficos, presentes nas terapias em geral (Brum et al., 2012; Paula-Ravagnani, 2019).

Conforme descrevem Serralta, Nunes e Eizirik (2007, citado por Peuker, et al. 2009), por meio de estudos sobre o processo terapêutico é possível compreender como ocorre a mudança durante o tratamento e identificar os mecanismos de ação terapêutica, podendo ser empregados métodos qualitativos e quantitativos com o objetivo de analisar padrões de relacionamento e comunicação entre a dupla terapeuta/paciente ao longo das sessões de terapia, relacionando os eventos terapêuticos positivos e negativos, assim como a mudança clínica. Para Peuker et al. (2009), compreender como o trabalho

terapêutico ocorre auxilia na identificação de variáveis das quais pode depender o sucesso de um dado tratamento.

Para Davis, Lebow e Sprenkle (2012), a abordagem que o terapeuta de casal utiliza e a forma como ele trabalha durante a terapia importa muito para o sucesso das sessões. Além disso, para os autores, o terapeuta pode ser dedicado e excelente na forma como conduz a terapia, mas se o casal não está consciente e disposto a se envolver no tratamento, a responsabilizar-se pelas mudanças, de nada adiantará o empenho do terapeuta. Um casal que se concentra no seu tratamento, que demonstra motivação, provavelmente auxiliará para que o andamento das sessões seja positivo e caminhe para uma terapia que trará benefícios para o relacionamento do casal.

De acordo com Diniz-Neto (2006), a descrição dos padrões efetivos da mudança, relacionado com as interações funcionais de uma relação conjugal é válida para a orientação da atividade terapêutica como um todo, pois possibilita uma orientação melhor guiada quanto ao uso de intervenções práticas, com a finalidade de obter uma maior eficácia terapêutica. Segundo o autor, pesquisas sobre a mudança na relação conjugal, durante processos terapêuticos têm sido feitas, no entanto, a maioria delas descreve a percepção do terapeuta nesse processo de mudança e não abordam qualitativamente a percepção dos casais sobre a mudança, o que poderia trazer maiores contribuições para esse campo de estudo.

Em pesquisa desenvolvida sobre a mudança em casais que vivenciaram a terapia de casal, o autor demonstra que, no momento em que os clientes percebem a mudança na terapia, eles tendem a dar maior enfoque no que muda em si-mesmo, e em menor grau no que se altera no relacionamento e no outro cônjuge. Isso mostra que a experiência de mudança em terapia tende a ser altamente individualizada. Além disso, conforme discutido pelo autor, há uma tendência de determinado uso da linguagem ser um fator relevante em momentos centrais das conversas terapêuticas, pois alguma frase ou expressão parece ser o disparador da mudança. Ainda que as experiências de mudança possam ocorrer ou serem descritas como individualizadas elas acontecem em um contexto relacional, onde os padrões da interação e o significado dos atos compartilhados são modificados, apontando a importância da experiência do si-mesmo em relação ao outro no processo terapêutico (Diniz-Neto, 2006).

Também desenvolvendo uma pesquisa qualitativa sobre processo terapêutico, Grandesso (2000) propõe um diálogo com os clientes com a finalidade de repensar, reconstruir novas possibilidades de sentido e de significado para a prática clínica com

casais. A proposta era a de que os clientes conduzissem a própria terapia na compreensão sobre como se deu a reconstrução de significado para cada um deles na terapia de casal. Os clientes relataram que a terapia de casal fez muita diferença na vida deles, passaram a mudar sua concepção de problema e de solução durante o processo terapêutico, construíram novas narrativas e criaram um novo sentido para suas histórias, se tornando agentes da sua própria vida.

Ademais, um resultado relevante deste estudo é o quanto escutar esses clientes foi crucial para que a terapeuta compreendesse os processos terapêuticos que ela participou como terapeuta. Para Grandesso (2000), foi possível compreender que o papel da terapeuta foi essencial para esclarecer, elucidar, orientar e guiar os clientes, pois as falas de uma “especialista” tinham um valor maior, de alguém que sabia mais sobre aquilo, que sabia os pontos “certos” e os pontos “errados”. Os pacientes traziam pontos importantes citados pela terapeuta na sessão anterior que haviam feito a diferença no pensamento deles, nas atitudes que tinham naquela semana, desse modo, a autora afirma que procurou saber, cada vez mais, os significados que os clientes atribuem aos acontecimentos, para que eles pudessem estar, cada dia mais, na condição de especialistas. Nesse sentido, a autora discute que, embora conduzisse sua prática a partir de uma lente pós-moderna, os clientes avaliavam o processo terapêutico a partir de marcos modernos.

Para Halford et al. (2012), receber feedback dos clientes sobre como foi o processo da terapia de casal auxilia no progresso da terapia, os seja, os resultados tendem a ser mais positivos quando o casal dá esse feedback para o terapeuta, embora seja mais comum que aconteça em terapias individuais, percebeu-se um padrão semelhante nas terapias de casal de como deu-se essa evolução.

Também Barbosa e Guanaes-Lorenzi (2015), desenvolveram uma pesquisa com o objetivo de compreender os sentidos produzidos por familiares e por casais que passaram por Terapia Familiar e de Casal, com base nas premissas do construcionismo social, sobre seu processo terapêutico. Foram feitas entrevistas com sete participantes, dentre eles três casais. Todos foram entrevistados individualmente e as perguntas eram feitas no sentido de saber quais impressões os participantes tinham sobre o atendimento realizado e quais foram as mudanças percebidas. Os resultados dessa pesquisa demonstraram que as concepções sobre problema foram se modificando no decorrer do processo terapêutico, pois os clientes puderam redefinir suas posições, de forma a ampliar o entendimento de determinadas situações, fazendo com que a “culpa” ou

responsabilidade pelo problema não fosse apenas depositada no outro, mas concebida relacionalmente – portanto, como dificuldade que ambos tinham que lidar.

Um resultado relevante desse estudo é que os participantes relataram entrar em contato com o ponto de vista do outro durante as sessões, seja do parceiro ou de algum familiar, conseguiam ver suas próprias falhas e o que poderia ser modificado para a melhoria das relações (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015). Além disso, os participantes relataram que a mudança foi percebida em todos os familiares, nos parceiros e também nas relações estabelecidas entre eles. Passaram a ter mudanças nos comportamentos do dia-a-dia, uma melhora nas formas de diálogo estabelecidas entre eles e na convivência. Os entrevistados valorizaram, também, a forma como as terapeutas mediaram o diálogo, pois auxiliavam no desenvolvimento de um espaço conversacional livre, possibilitando a construção de novos sentidos e de novas realidades (Barbosa & Guanaes-Lorenzi, 2015).

Tendo como foco os objetivos de nossa pesquisa, em revisão inicial feita em algumas bases de dados³, encontramos alguns estudos que abordam a temática do processo terapêutico em terapia de casal, com ênfase no processo narrado pelos clientes. Os estudos escolhidos para apresentação nesse texto, focalizam especificamente narrativas de casais sobre seu processo em terapia de casal, enquanto que os estudos que não foram selecionados traziam vozes de clientes individuais e não de casais; traziam percepções dos casais em relação a um tema específico e não sobre o processo terapêutico em si, ou, ainda, traziam as vozes dos terapeutas de casal em relação ao processo terapêutico.

Bradford, Mock e Stewart (2015) desenvolveram uma pesquisa qualitativa, na qual contataram dez casais heterossexuais e seis terapeutas (três homens e três mulheres) para participarem de duas sessões de intervenções, ou seja, um casal e um terapeuta ficam juntos em dois momentos. Antes da primeira sessão os casais completaram uma avaliação *on-line* composta por medidas padronizadas de autorrelato que avaliam bem-estar

³ Efetuamos uma busca nas bases de dados a fim de conhecer outros estudos desenvolvidos nesse campo que focalizaram a narrativa dos clientes em relação ao processo de mudança vivenciado em terapia de casal. Na base de dados “PubMed”, utilizando os descritores “Couples Therapy, or Marital Therapy and meaning or narra* or social construction or psychotherapeutic processes” foram encontrados 65 artigos e 10 foram recuperados pela leitura dos títulos e dos resumos. Na mesma base de dados, mas com descritores “Couples Therapy or Marital Therapy and meaning or narra*” foram encontrados 44 artigos e recuperados 6 por meio da leitura dos títulos e dos resumos, os quais já estavam entre os 10 artigos recuperados na busca anterior. Na base de dados PsycINFO as palavras-chave utilizadas foram “Marriage Counseling or Couples Therapy and narratives” e foram encontrados 44 artigos, desses foram recuperados 10 por meio da leitura do título e dos resumos. Estes serão trazidos para apresentação e discussão.

psicológico, a comunicação, os sentimentos sobre o parceiro e a prontidão para a mudança no relacionamento. Na primeira sessão, os casais e os terapeutas revisaram as avaliações, os objetivos construídos e definiram novas metas para o relacionamento conjugal. Durante a segunda sessão, casais e terapeutas avaliaram a eficácia de suas tarefas, reavaliaram seus objetivos, modificaram metas existentes e estabeleceram novas metas.

Os terapeutas foram treinados para utilizar técnicas focadas na solução, no futuro, incentivando os casais a se esforçarem para a melhora nas relações conjugais. Cerca de três meses depois dessas duas sessões foi realizada uma entrevista semiestruturada com os cônjuges e com os terapeutas com a finalidade de saber como foi a intervenção e os resultados mostraram que alguns temas que apareceram nas entrevistas dos casais apareceram nas entrevistas dos terapeutas também, como motivação do casal, relação terapêutica e mudança terapêutica. A motivação do casal facilita a entrada do casal para o tratamento e o ambiente terapêutico, proporcionado pelos terapeutas, tendem a apoiar o surgimento de mudanças internas positivas (pensamentos e sentimentos), que sustentam uma melhor comunicação e mudança interacional (Bradford, Mock & Stewart, 2015).

Segundo apresentam os autores, a intervenção resultou em melhoras na relação desses casais e os temas refletiam fatores comuns de clientes e terapeutas. Tanto os casais quanto os terapeutas descreveram o relacionamento terapêutico em termos do que os terapeutas faziam, pois os casais apreciavam a autenticidade do terapeuta e descreviam o ambiente terapêutico como “aberto” e “seguro”, onde o diálogo era livre e facilitado pelas atitudes dos terapeutas, enfatizando que a mudança terapêutica concentrou-se em mudanças na cognição e no comportamento, pois em muitos casos a mudança em um dos parceiros desencadeava mudanças no outro, da mesma forma, os terapeutas falaram da conexão que sentiam com os casais para ajudá-los a se sentirem à vontade ao falarem de suas preocupações conjugais (Bradford, Mock & Stewart, 2015).

Além disso, os participantes deste estudo afirmaram que na medida em que compreendiam seus pensamentos e sentimentos passaram a compartilhar com o/a parceiro/a, para que o outro tivesse consciência do que sentia naquele momento. Isso os ajudavam a pensar nas áreas do casamento que podiam ser melhoradas, a ser mais pacientes uns com os outros e a tratar seus parceiros com mais gentileza, o que os ajudava a se sentirem mais próximos. Os casais passaram a perceber a importância da comunicação, de se expressar perante o outro, da necessidade de discutir certas questões ao invés de ignorá-las ou fazer suposições sem perguntar ao parceiro (Bradford, Mock & Stewart, 2015).

Olson, Laitila, Rober e Seikkula (2012) desenvolveram uma pesquisa qualitativa sobre processo terapêutico em terapia de casal. Nessa pesquisa, os autores gravaram três sessões de terapia de casal, com um casal na faixa dos 25 anos em que um deles apresentava sinais de depressão, com a finalidade de observar como acontecem as mudanças por meio do diálogo que ocorre nas sessões de terapia de casal.

Devido às características dos participantes desse estudo desenvolveu-se um método específico, em que o primeiro passo foi obter uma visão geral do que aconteceu durante as sessões como um todo e o segundo passo foi identificar as mudanças de um episódio dialógico para o próximo, ou seja, mudanças da primeira sessão para a segunda e desta para a terceira. O resultado desse estudo mostrou que da primeira para a segunda sessão a cliente se mostrou mais reflexiva e começou a falar com o terapeuta demonstrando que sabia que estava sendo ouvida por ele.

Além disso, o parceiro também mudou e passou a ter uma fala mais clara e assertiva, o que proporcionou mudanças na forma deste casal se relacionar. Da segunda para a terceira sessão o parceiro conseguiu se comportar de forma dialógica com sua esposa, ou seja, permitiu que o diálogo estivesse agora entre o casal, falaram também sobre suas diferenças e questões que poderiam ser melhoradas no relacionamento. Após a terceira sessão, os cônjuges conseguiram negociar formas de lidar com a ausência de um deles em uma determinada viagem e como iriam se comunicar nesse período em que ficariam distantes, demonstrando a importância que tinham um na vida do outro (Olson et Al. 2012).

O estudo de Rober e Borcsa (2016) relata o caso de Victoria e Alfonso, um casal que procurou a psicoterapia de casal para ajudá-los em algumas questões do relacionamento. Foram realizadas quatro sessões em um período de 3 meses. O intervalo entre as sessões foi de cerca de 3 semanas, dois terapeutas estavam presentes durante as sessões, um terapeuta sistêmico experiente e uma terapeuta jovem ainda em formação em terapia familiar, que não esteve presente apenas na primeira sessão com o casal. As sessões foram gravadas em vídeo, com o consentimento do casal, com a finalidade de que os autores pudessem assistir aos vídeos e ter uma compreensão maior da emoção que estava passando por aquele casal no momento das sessões.

Durante as sessões os terapeutas avaliaram a aliança terapêutica, aplicando uma Escala de Avaliação de Sessão (SRS) e, a partir da segunda sessão, aplicaram uma Escala de Avaliação de Resultados (ORS) para avaliar a mudança terapêutica. Com o passar das sessões foi possível perceber que o escore da ORS estava aumentando, indicando que não

há mais necessidade de mudança para ambos os parceiros e o SRS também cresceu, mostrando o quanto foi importante para o casal experimentar uma aliança terapêutica positiva durante a terapia, ou seja, uma boa aliança de trabalho com os terapeutas (Rober & Borcsa, 2016).

Como resultado das sessões de terapia, os participantes relataram melhora na comunicação entre os dois, diminuição das discussões, aprendizagem conjunta sobre o momento certo de encerrar a conversa sobre determinados assuntos. Além disso, conseguiram confiar mais um no outro e esperar o tempo necessário para que os conflitos se resolvessem, e a situação se acalmasse. Esses resultados foram atingidos devido à boa interação e aliança terapêutica dos casais com o terapeuta e a co-terapeuta. Além disso, a forma que as perguntas eram feitas aos casais auxiliou no modo como eles pensavam sobre o assunto. As propostas que os terapeutas faziam sobre como lidar quando acontecesse alguma discussão fez com que eles refletissem na forma como agiam um com o outro e juntos, e, assim, conseguiram construir uma relação melhor (Rober & Borcsa, 2016).

Em estudo de Helmeke e Sprenkle (2000), um estudante de doutorado que participava do projeto na clínica-escola de terapia familiar e de casal entrevistou 3 casais heterossexuais, que ligaram para o centro de aconselhamento procurando por terapia de casal e foram convidados a participar de 10 sessões conduzidas por um terapeuta de casal, que também era estudante de doutorado e credenciado ao programa. Os casais que aceitaram ter seus atendimentos gravados em áudio e vídeo fizeram parte da coleta de dados.

Na primeira sessão o terapeuta estava sozinho com o casal e, na segunda sessão, o estudante de doutorado, que é o pesquisador, estava presente no início da sessão para obter o consentimento do casal e explicar os procedimentos e objetivos do projeto. Após esse momento, os casais encontraram o pesquisador apenas ao final das 10 sessões de terapia e o terapeuta conduziu sozinho o processo todo.

O pesquisador entrevistou os casais após a conclusão das sessões de terapia e ao final de cada sessão era entregue o “Postsession questionnaires” (PSQs – Questionário pós-sessão) para cada parceiro para que eles escrevessem quais os momentos cruciais vivenciados durante aquela sessão de terapia, quais os momentos que marcaram ou que foram pontos de avanço, o que mudou de uma sessão para a outra e o que eles pensavam ter contribuído para a mudança. Em geral, os casais apontaram como marcantes momentos aqueles em que ocorriam discussões de tópicos que foram apresentados como

sendo problemas na vida conjugal e, na maioria das vezes, após repetidas discussões desse mesmo assunto (Helmeke & Sprenkle, 2000).

Como resultado desse estudo foi possível perceber que sempre há um momento na terapia que os casais consideram um momento marcante ou crucial. Além disso, as mulheres tendem a identificar mais momentos marcantes do que os maridos e cerca de 60% dos momentos marcantes aconteceram em uma sessão onde já tinham sido identificados outros momentos cruciais, seja pelo mesmo cliente ou pelo cônjuge. Para esse estudo, momentos marcantes se referem a momentos cruciais e significativos que os casais vivenciaram durante uma ou mais sessões de terapia de casal.

No relato dos casais, aparece a ideia de que o momento marcante vivenciado durante a sessão de terapia fez com que eles esclarecessem o problema que os levou a procurar ajuda. Outro ponto a ser ressaltado é o quanto houve divergência nos momentos considerados essenciais pelos cônjuges. De 24 momentos identificados como marcantes, apenas três foram listados por ambos os cônjuges e em nenhum caso os dois cônjuges deram a mesma explicação para o que o tornou essencial. Em muitos momentos cruciais restantes não parecia que o outro cônjuge estava ciente de que algo importante havia ocorrido com o(a) parceiro(a), demonstrando que eram experiências altamente pessoais e individualizadas (Helmeke & Sprenkle, 2000). Consideramos este um estudo importante, com temática diretamente relacionada à presente pesquisa, incluindo a utilização do mesmo aporte teórico para compreensão do processo terapêutico e dos momentos marcantes.

Os estudos citados apresentam algumas pesquisas nas quais as vozes dos clientes foram ouvidas, e permitiram relatar como a terapia contribui para a melhora na relação com o cônjuge, para a possibilidade de produzir novos sentidos para os acontecimentos e para a desconstrução de narrativas construídas socialmente sobre conjugalidade, conflitos e família. Além disso, essas pesquisas contribuem para que o terapeuta tenha um olhar relacional, conseguindo ouvir sobre sua prática clínica e saber como esses clientes podem ressignificar os momentos vivenciados com o parceiro. Estes estudos corroboram a compreensão de que a mudança terapêutica acontece durante o processo conversacional, em um instante que os clientes vivem intensamente. No entanto, muitas vezes, os terapeutas não têm acesso a esse momento, não escutam os relatos desses casais sobre como se sentiram ao vivenciar o processo terapêutico na terapia de casal, e acabam não notando o quanto aquele momento foi transformador na vida daquelas pessoas.

Para Shotter (2017), no desenvolvimento de uma comunicação dialógica, momentos marcantes acontecem como resultado de uma conversação espontânea e responsiva, de forma a que sentimentos e expressões que ainda não tinham sido experienciados possam ser vividos e significados de formas singulares. Tais momentos orientam para uma relação dialógica em que as pessoas envolvidas no encontro respondem umas às outras de forma responsiva, compartilhando sentimentos e significados.

Para o autor, essa comunicação não trata apenas de uma mensagem enviada e de uma resposta recebida, como se fosse algo estruturado anteriormente ao encontro. Ela abarca uma gama de gestos envolvidos nesse processo, como olhares, expressões faciais, postura, velocidade da fala, ritmo, entre outras coisas. É uma conexão entre duas pessoas, que não depende apenas da linguagem em forma de palavras ditas, é uma linguagem corporal, não só somada, mas intrínseca à linguagem verbal (Shotter, 2017).

Ainda para esse autor, um momento marcante acontece de forma dialogicamente estruturada e abrirá possibilidades para novas formas de viver e de lidar com as situações. Tais momentos acontecem sem aviso, sem planejamento, não é possível forçar para que ocorra esse momento. No entanto, o terapeuta pode criar contextos que facilitem a ocorrência deles, pode preparar o cenário para que a mudança aconteça, oferecendo abertura para uma escuta cuidadosa e atenciosa, em uma conversação genuína, estando sensível à forma como as pessoas expressam seus sentimentos e emoções. Como analisa Guanaes-Lorenzi (2017) a partir das contribuições de John Shotter, trata-se da diferença entre preparar ou planejar a mudança. Não é possível a um terapeuta planejar o acontecimento da mudança, mas criar contextos conversacionais favoráveis, dialogicamente estruturados, que permitam espaço para novos entendimentos e significados.

Shotter (2017), define que esses acontecimentos especiais, que constroem os momentos vivenciados como marcantes só são possíveis quando as pessoas envolvidas na conversação terapêutica produzem algo novo, algo que ainda não tinha sido experienciado anteriormente. É como se o cliente se reorientasse em relação a fatos já vividos e que, neste momento, podem ser vistos por outra perspectiva. O significado que foi dado a um evento pode ser re-significado e sentido a partir de um novo lugar.

Para o autor, são nesses momentos que aprendemos novas formas de estar e de se relacionar com o outro, ou seja, uma nova maneira de estar no mundo. Momentos marcantes, portanto, podem ser compreendidos como *poéticos*, onde por meio da surpresa

e da espontaneidade, nascem novas formas de nos expressarmos em cada relação. Shotter denomina como poética social um “método” ou forma de relação na qual terapeuta e cliente se envolvem em uma ação-conjunta de produção de novos significados, isto é, que permite a emergência da novidade como um gatilho para a mudança. Quando há a menção de algo novo, Shotter não diz sobre novas informações em relação aos problemas que levaram as pessoas a procurarem pela terapia, são novas formas de compreender algo já vivido, conectando fatos antigos a novas formas entendimento do mundo, possibilitando a emergência de novos caminhos (Guanaes, 2006).

Para Shotter (2017), portanto, momentos marcantes não podem ser planejados ou elaborados por alguém, eles simplesmente ocorrem, sem que alguém siga protocolos. Se fossem planejados e dependessem de conceitos já existentes, tudo o que for intencionalmente programado resultaria em descobertas similares ou contínuas sobre uma mesma coisa, enquanto que a ideia é a emergência de algo singular, vivida como se “fosse a primeira vez”.

A presente pesquisa busca se somar a estes estudos interessados em compreender como a mudança, como uma realização conversacional, pode ocorrer e, assim, contribuir com a produção de conhecimento nesse campo. A partir da escuta de casais, buscamos construir com os participantes significados sobre seu processo terapêutico, a partir dos momentos marcantes vivenciados durante a terapia de casal. A que as narrativas sobre momentos marcantes nos remetem? São momentos que possibilitam a emergência de possíveis novos caminhos a serem seguidos? Esses momentos considerados significativos guardam relação com o processo de mudança ou com os resultados alcançados na terapia, na visão dos clientes? Que reflexões os diálogos sobre os momentos marcantes disparam nos casais?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas com os casais nos mostraram vários aspectos. Um deles é a motivação para que procurem a terapia. A literatura aponta que os cônjuges buscam por uma convivência harmoniosa e por um diálogo mais frequente, algo muito identificado nas entrevistas, pois a maioria dos parceiros relataram o quanto gostariam de conversar sobre a relação com uma frequência maior, desejam que possam ser escutados e compreendidos pelo companheiro. Ademais, demonstram a tentativa de fazer com que os diálogos presentes na terapia de casal sejam levados para o dia-a-dia do casal, construindo a ideia de que as conversas devem acontecer frequentemente, não apenas no momento da terapia.

Nesse sentido, quando pensamos nos momentos marcantes é possível identificar o quanto se aproxima da literatura os momentos considerados significativos relatados pelos casais desse estudo. São nas conversas com o outro, seja ele o terapeuta ou o cônjuge, que momentos marcantes emergem. Tais momentos parecem disparar um gatilho para a mudança, por produzirem novos movimentos para reflexão sobre os acontecimentos e novos sentidos. Esses momentos marcantes são, dessa forma, considerados importantes para quem os vive.

Os momentos marcantes compartilhados pelos participantes desse estudo trouxeram reflexões importantes para eles. No geral, a maioria dos participantes identificou momentos diferentes daquele que seu parceiro vivenciou como significativo, assim como na literatura, o que mostra que são momentos vivenciados de forma bastante individualizada, mas todos apontaram para alguma mudança de sentido a partir desse momento que vivenciaram. As pessoas puderam ressignificar suas experiências de vida a partir desses momentos, abriram a possibilidade de olhar para novos caminhos de entendimento e passaram a compreender que a responsabilidade pelo problema que vivenciam em casal é relacional, não é só de um, ou de outro.

Além disso, puderam voltar o olhar pra relação, perceber sentimentos que não tinham sido vividos anteriormente e prestar mais atenção no que estava acontecendo no relacionamento conjugal. Nesse sentido, a literatura aponta que quando um cônjuge vivencia um momento significativo e desperta um gatilho para a mudança ele acaba despertando a mudança no seu parceiro também.

Muitas são as motivações que levam os casais a buscarem pela terapia, mas o nascimento dos filhos aparece como um acontecimento importante na vida dos casais,

levando-os a repensarem a dinâmica familiar e a valorizarem espaços em que possam estar sozinhos com o parceiro para conversar sobre a relação. A falta de momentos a dois, e de conversas esclarecedoras sobre conflitos aparentes vivenciados pelos cônjuges, também aparece como uma motivação significativa para muitos participantes dessa pesquisa.

Nesse sentido, o processo terapêutico envolveu, em todos os relatos, a participação dos terapeutas nas conversas com o cônjuge ao longo da terapia de casal. Para os casais, parece ser significativo quando o terapeuta oferece novas possibilidades de entendimento para uma mesma história trazida no contexto terapêutico. Mostrar o lado do parceiro auxiliou os casais a se compreenderem e a abrirem espaços para uma escuta cuidadosa e genuína. Além disso, muitos participantes relataram a importância de escutarem seus parceiros dizerem sobre seus sentimentos, e também incômodos que ainda não tinham sido trazidos em outros momentos do relacionamento.

As mudanças após a terapia de casal, abarcaram em muitos relatos a priorização dos momentos de diálogo do casal, levando para fora do contexto da terapia a continuidade das conversas entre os cônjuges, de modo a trocarem entendimentos e ampliarem as possibilidades de compreensão em relação ao outro. Outro ponto significativo é a capacidade de reverem, juntos, os valores importantes para o relacionamento, identificar o que eles gostariam de levar adiante e o que não faz sentido para eles enquanto casal. Somado a isso, a corresponsabilização dos cônjuges foi uma mudança essencial para que ambos pudessem compreender a participação individual em cada um dos conflitos, de forma que nenhum dos parceiros carregue sozinho a responsabilidade.

Nos relatos compartilhados pelos participantes desse estudo observa-se que há participação do terapeuta em todos os momentos em que os casais vivenciaram como marcantes. Dessa forma, podemos apontar o quanto as falas, apontamentos e questionamentos das (os) terapeutas de casal têm relevância para o que eles vivenciam como significativo durante o processo terapêutico. Uma metáfora utilizada pela (o) terapeuta pode servir de gatilho para uma nova possibilidade de compreensão daquela relação, uma pergunta para um dos cônjuges pode servir como um desencadeador de um processo de mudança.

Notamos, também, que em algumas entrevistas os participantes relataram a importância de ter uma divulgação maior sobre a terapia de casal, e contaram que muitas pessoas de seu convívio não têm conhecimento sobre o tema e que desconhecem esse

recurso. Isso sugere que a terapia de casal ainda é recurso pouco explorado e um serviço procurado por um público-alvo de alto poder aquisitivo, geralmente em clínicas privadas.

Como todos os estudos, este também apresenta alguns limites. As entrevistas foram feitas separadamente com cada um dos cônjuges, nesse sentido, pode ser que tenha gerado respostas mais individualizadas sobre os momentos marcantes vivenciados durante o processo terapêutico. Como foi possível perceber, apenas dois casais trouxeram os mesmos momentos ditos como marcantes, no entanto, apenas um deles (Casal 4) trouxe a mesma justificativa em relação às razões de terem escolhido esse momento como significativo. Já o Casal 5, embora tenha relatado o mesmo momento marcante, as explicações sobre o porquê e as emoções despertadas em cada um dos cônjuges foram diferentes.

Outro ponto a ser comentado é que trabalhamos com os relatos dos participantes e não com o processo terapêutico em si. Estudos futuros sobre esse tema que focalizem as narrativas produzidas pelos casais conjuntamente, ou, ainda, que focalizem o processo terapêutico podem ampliar nossa compreensão sobre o tema. Ainda, produzir sentidos com terapeutas de casal sobre a relação entre momentos marcantes e processos de mudança também pode ampliar nosso conhecimento sobre o tema.

De modo condizente com a epistemologia construcionista que orienta o desenvolvimento deste estudo, os apontamentos produzidos nesse estudo relacionam momentos marcantes e processo terapêutico não de forma causal e linear, mas construindo conexões que tornam mais complexas nossas reflexões sobre a prática clínica. Esperamos, assim, que essa pesquisa possa contribuir com o aprimoramento da prática profissional dos terapeutas de casal, de forma a colaborar com a compreensão dos aspectos que, na visão dos casais, se relacionam à construção conversacional da mudança durante o processo terapêutico.

REFERÊNCIAS

- Anderson, H. (2009). Uma postura filosófica: a posição, o conhecimento e a responsabilidade do terapeuta. In H. Anderson. *Conversação, linguagem e possibilidades* (pp. 79-91). São Paulo, SP: Editora Roca.
- Anderson, H. (2009). Vozes dos clientes: Conselho prático dos especialistas em criar conversas com diálogo e relacionamentos colaborativos. In H. Anderson. *Conversação, linguagem e possibilidades* (pp. 112-139). São Paulo, SP: Editora Roca.
- Anderson, H. (2009). Terapia como conversa com diálogo. In H. Anderson. *Conversação, linguagem e possibilidades* (pp. 92-111). São Paulo, SP: Editora Roca.
- Anderson, H. (2017). Diálogo: pessoas criando significados umas com as outras e encontrando maneiras de continuar. In M. Grandesso. *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: Um diálogo entre teoria e práticas* (pp. 93-106). Curitiba: Editora CRV.
- Anderson, H. & Goolishian (2007). O cliente é o especialista: Uma abordagem para terapia a partir de uma posição de não-saber. (Camargo, M. trad). *Nova perspectiva sistêmica*, 27, pp. 66-81.
- Aniciete, D & Soloski, K. L. (2011). The Social Construction of Marriage and a Narrative Approach to Treatment of Intra-Relationship Diversity, *Journal of Feminist Family Therapy*, 23:2, 103-126. DOI: 10.1080/08952833.2011.576233.
- Avdi, E. (2016). Fostering dialogue: Exploring the therapist's discursive contributions in a couple therapy. In M. Borcsa & P. Rober. *Research perspectives in couple therapy* (pp. 71-88). Springer International Publishing Switzerland.
- Barbosa, M. B. & Guanaes-Lorenzi, C. (2015). Sentidos construídos por familiares acerca de seu processo terapêutico em terapia familiar. *Psicologia Clínica- Rio de Janeiro*, 27(2), 15-38. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652015000200002
- Blow et. Al. (2009). Change process in couple therapy: An intensive case analysis of one couple using a common factors lens. *Journal of Marital and Family Therapy*, 35(3), 350-368. DOI: 10.1111/j.1752-0606.2009.00122.x
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39. Recuperado de: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19835>

- Bradford, K., Mock, D. J., & Stewart, J. W. (2015). It takes two? An exploration of processes and outcomes in a two-session couple intervention. *Journal of marital and family therapy*, 42(3), 423-437. DOI: 10.1111/jmft.12144. Epub 2015 Nov 2.
- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2), 77-101. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.
- Brum, E. H. M., Frizzo, G. B., Gomes, A. G., Silva, M. R., Souza, D. D., & Piccinini, C. A. (2012). Evolução dos modelos de pesquisa em psicoterapia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(2), 259-269. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000200012>
- Brun, G. (2006). A infidelidade bateu à nossa porta (do consultório ou de casa?): O que fazer? Ou melhor, como continuar pensando? In S. F. Colombo. *Gritos e sussurros*, pp. 53-62. São Paulo, SP: Vetor.
- Brun, G. (2008). Ainda temos que aprender a escutar? A flexibilização da escuta como ante-sala de um processo dialógico. *Nova perspectiva sistêmica*, 30, 9-20.
- Bruschini, C. (2006). Trabalho doméstico: Inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? *Revista Brasileira de Estudos de População*, 23(2), 331-353. DOI:10.1590/S0102-30982006000200009
- Carter, E., & McGoldrick, M. (1980). O ciclo vital familiar e a terapia de família: uma perspectiva. In E. Carter e M. McGoldrick. *The Family Life Cycle* (trad. livre ITF), pp. 1-20.
- Christensen, L. L., Russell, C. S., Miller, R. B. & Peterson, C. M. (1998). The process of change in couples therapy: a qualitative investigation. *Journal of Marital and Family Therapy*, 24(2), 177-188. DOI: 10.1111/j.1752-0606.1998.tb01074.x
- Costa, B. C. & Cenci, C. M. B. (2014). A Relação Conjugal Diante da Infidelidade: A Perspectiva do Homem Infiel. *Pensando Famílias*, 18(1), 19-34. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100003
- Costa, L. F. (2010). A Perspectiva sistêmica para a clínica da família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 95-104. DOI: 10.1590/S0102-37722010000500008.
- Cruz, H. M. (2006). Com quantos fios tecemos nós? In S. F. Colombo. *Gritos e sussurros*, pp. 43-54. São Paulo, SP: Vetor.
- Daves, S. D., Lebow, J. L. & Sprenkle, D. H. (2012). Common factors of change in couple therapy. *Behavior Therapy*, 43, 36-48. <https://doi.org/10.1016/j.beth.2011.01.009>

- Diniz-Neto & Féres-Carneiro (2005a). Eficácia psicoterapêutica: terapia de família e o efeito “Dodô”. *Estudos de Psicologia*, 10(3), 355-361. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000300003>
- Diniz-Neto, O. & Féres-Carneiro (2005b). Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidade. *Estudos de Psicologia-Campinas*, 22(2), 133-141. DOI: 10.1590/S0103-166X2005000200003
- Diniz-Neto, O. (2006). *Jogos Conjugais: Proposta de um modelo construcionista social para terapia de casais*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Doss, B. D., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2009). Marital therapy, retreats, and books: The who, what, when, and why of relationship help-seeking. *Journal of Marital and Family Therapy*, 35, 18–29. DOI: 10.1111/j.1752-0606.2008.00093.x.
- Féres-Carneiro, T. (1994). Diferentes abordagens em terapia de casal: Uma articulação possível?. *Revista Temas em Psicologia*, 2(2), 53-63. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200006
- Féres-Carneiro, T. & Diniz-Neto, O. (2008). De Onde Viemos? Uma Revisão Histórico Conceitual da Psicoterapia de Casal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 487-496. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000400012>
- Fiorin, P. C., Oliveira, C. T. & Dias, A. C. G. (2014). Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 25-35. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v15n1/05.pdf>
- Freitas, W. M. F., Silva, A. T. M. C., Coelho, E. A. C., Guedes, R. N., Lucena, K. D. T., & Costa, A. P. T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública*, 43(1), 85-90. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102009000100011>
- Gergen, K. J. (1999). Rumo a um vocabulário do diálogo transformador. In D. F Schnitman, & S. Littlejohn, (Orgs). et al. *Novos paradigmas em mediação* (pp. 29-45). Porto Alegre: Artmed.
- Gergen, K. J. (2009). O movimento do construcionismo social na Psicologia moderna. *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis*, 6(1), 299-325. <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2009v6n1p299>
- Gergen, K. J. & Gergen, M. (2010). Da crítica à reconstrução. In K. J. Gergen & M. Gergen. *Construcionismo social: Um convite ao diálogo*. (pp. 35-54).

- Gergen, K. & Warhuus, L. (2001). Terapia como construção social: Características, reflexões e evoluções. (Ed.). In M. M. Gonçalves & O. F. Gonçalves. Psicoterapia, Discurso e Narrativa: A construção conversacional da mudança. (pp.29-64). Coimbra: Quarteto.
- Grandesso, M. A. (2000). Sobre a reconstrução do significado no processo terapêutico: Uma análise compreensiva da compreensão do cliente. (Ed.). In M. A. Grandesso. Sobre a reconstrução do significado: Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica (pp.301-391). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Grandesso, M. (2006). Diálogos contidos e monólogos compartilhados: encontros e desencontros na construção de sentido nas relações amorosas. In S. F. Colombo. (Ed.). Gritos e Sussurros (Vol. 2, pp.33-50). São Paulo: Vetor.
- Grandesso, M. (2017). Terapia como reconstrução de significados: um enfoque pós-moderno para a terapia. In M. Grandesso. Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: Um diálogo entre teoria e práticas (pp. 167-182). Curitiba: Editora CRV.
- Grandesso, M. (2018). A poética da conversação terapêutica. In M. Grandesso. Colaboração e diálogo: Aportes teóricos e possibilidades práticas (pp. 149-166). Curitiba: Editora CRV.
- Goldschmidt, B. U. (2019). Percepção dos genitores sobre o impacto do nascimento do segundo filho nas relações familiares. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 65, 36-50. DOI: <https://doi.org/10.38034/nps.v28i65.536>
- Guanaes, C. (2006). A construção da mudança em terapia de grupo. (1ªed.). São Paulo: Vetor.
- Guanaes, C. & Japur, M. (2008). Contribuições da poética social à pesquisa em psicoterapia de grupo. *Estudos de Psicologia*, 13(2), 117-124. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200003>.
- Guanaes-Lorenzi, C. (2014). Construcionismo Social: tensões e possibilidades de um movimento em permanente construção. In C. Guanaes-Lorenzi, M. S. Moscheta, C. M. Corradi-Webster, & L. V. Souza (Orgs.), *Construcionismo social: discurso, prática e produção do conhecimento* (pp. 89-104). Rio de Janeiro: Editora NOOS.
- Guanaes-Lorenzi, C. (2017). Comunicação dialógica: Ecos e movimento. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, 58, 117-120. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412017000200010
- Halford et al. (2012). Toward making progress feedback an effective common factor in couple therapy. *Behavior Therapy*, 43, 49-60. <https://doi.org/10.1016/j.beth.2011.03.005>

- Helmeke, K. B. & Sprenkle, D. H. (2000). Client's perception of pivotal moments in couples therapy: A qualitative study of change in therapy. *Journal of Marital and Family Therapy*, 26(4), 469-483. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2000.tb00317.x>
- Kamakura, W. A. & Mazzon, J. A. (2013). *Estratificação Socioeconômica e Consumo no Brasil*. Editora Blucher.
- Lion, C. M. (2017). Caminhando no contexto das práticas colaborativas e narrativas: Experiências profissionais transformadas. *Nova perspectiva sistêmica*, 57, 21-36. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412017000100003
- Madigan, S. (2018). Entrevista relacional fundamentada na terapia narrativa: preparando emocionalmente os relacionamentos conjugais conflituosos para uma possível reunião, separação, mediação e tribunais de família. In M. Grandesso. *Colaboração e diálogo: aportes teóricos e possibilidades práticas* (pp.201-224). Curitiba – Editora CRV.
- Martins, P. P. S. & Arantes, M. (2018). Cerimônias de encerramento em terapia individual: Expandindo os sentidos da mudança. *Nova perspectiva sistêmica*, 62, 6-23. DOI: 10.21452/2594-43632018v27n62a01
- McNamee, S. (2014). Construindo conhecimento/Construindo investigação: coordenando mundos de pesquisa. In C. Guanaes-Lorenzi, M. S. Moscheta, C. Corradi-Webster, & L. V. Souza (Ed.). *Construcionismo Social: discurso, prática e produção do conhecimento* (Vol. 01, pp. 105-131). Rio de Janeiro: Editora NOOS.
- Moscheta, M. S. (2014). A pós-modernidade e o contexto para a emergência do discurso construcionista-social. In C. Guanaes-Lorenzi, M. S. Moscheta, C. M. Corradi-Webster, & L. V. Souza (Orgs.), *Construcionismo social: discurso, prática e produção do conhecimento* (pp. 23-47). Rio de Janeiro: Editora NOOS.
- Nogueira, C. (2001). Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero. *Cadernos de Pesquisa* 112, 137-153.
- Olson, M. E., Laitila, A., Rober, P. & Seikkula, J. (2012). The shift from monologue to dialogue in a couple therapy session: dialogical investigation of change from the therapists' point of view. *Family Process*, 51 (3), 420-435. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2012.01406.x>
- Paula-Ravagnani, G. S. (2015). *Difusão do construcionismo social entre terapeutas familiares: desafios e potencialidades*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

- Paula-Ravagnani, G. S. (2019). A integração de teorias e técnicas na prática clínica em terapia familiar. (Tese de Doutorado). Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.
- Paula-Ravagnani, G. S., Guanaes-Lorenzi, C., Rasera, E. F. & McNamee, S. (2016). O discurso construcionista social na prática clínica de terapeutas familiares. *Psicologia em Estudo*, 21(2), 267-278. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/2871/287147424009/html/index.html>
- Peçanha, R. F. & Rangé, B. P. (2008). Terapia Cognitivo-Comportamental com casais: uma revisão. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 4(1). DOI: 10.5935/1808-5687.20080009
- Peuker, A. C., Habigzang, L. F., Koller, S. H. & Araujo, L. B. (2009). Avaliação de processo e resultado em psicoterapias: uma revisão. *Psicologia em Estudo*, 14(3), 439-445. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722009000300004>.
- Porreca, W. (2019). Relação conjugal: Desafios e possibilidades do “nós”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35(7), 1-12. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe7>
- Quissini, C. & Coelho, L. R. M. (2014). A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando Famílias*, 18(2), 34-47. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a04.pdf>
- Rapizo, R. (2002). A terapia de família e a cibernética. In R. Rapizo. *Terapia Sistêmica de Família: Da instrução à construção* (2ª ed.). (pp. 59-70). Rio de Janeiro: Instituto NOOS.
- Rasera, E. F. & Guanaes, C. (2010). Momentos marcantes na construção da mudança em Terapia Familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 315-322. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200013>
- Rasera, E; Guanaes-Lorenzi, C; Corradi-Webster, C. (2016). Pesquisa como prática social: o pesquisador e os “outros” na produção do conhecimento. *Athenea Digital*, 16(2), 325-347. <https://doi.org/10.5565/rev/athenea.1839>
- Rasera, E. F. & Japur, M. (2004). Desafios da aproximação do construcionismo social ao campo da psicoterapia. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 431-439. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300005>
- Rasera, E. F. & Japur, M. (2005). Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a Psicologia. *Paidéia - Cadernos de Psicologia e Educação* (online), 15 (30). <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000100005>

- Reibstein, J. (2011). Commentary: a different lens for working with affairs: using social constructionist and attachment theory. *Journal of Family Therapy*, 1-13. DOI: 10.1111/j.1467-6427.2011.00562.x
- Rober, P. & Borcsa, M. (2016). The couple therapy of Victoria and Alfonso. *Research Perspectives in Couple Therapy*, 11-16.
- Rocha, F. A. & Fensterseifer, L. (2009). A função do relacionamento sexual para casais em diferentes etapas do ciclo de vida familiar. *Contextos Clínicos* 12(2), 560-583. DOI: 10.4013/ctc.2019.122.08
- Santos, M. A. (2005). “Nós na fita”: terapia de casal na abordagem sistêmica sobre o enfoque construcionista. *Vínculo*, 2(2), 51-60. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902005000100007
- Santos, R. F. & Castro, M. (2016). Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016, nos termos do Decreto de Delegação de Competência de 12 de novembro de 1991.
- Satir, V. (1995). A mudança no casal. M. Andolfi, C. Angelo & C. Saccu (Ed.). *O casal em crise*. (Vol.3, pp. 29-37). São Paulo: Summus.
- Scheinkman, M. (2005). Para além do trauma da traição: reconsiderando a infidelidade na terapia de casais. (C. Peixoto, trad.). *Revista Nova perspectiva sistêmica*, 30 (44-66).
- Shotter, J. (2017). Momentos de referência comum na comunicação dialógica: Uma base para comunicação clara em contextos únicos. *Nova perspectiva sistêmica*, 57, 9-20. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-78412017000100002
- Shotter, J. (2017). Realidades terapêuticas e o dialógico: corpo, sentimentos, linguagem e mundo. In M. Grandesso. *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: Um diálogo entre teoria e práticas*. Editora CRV: Curitiba (pp.143-166).
- Trancas, B. V., Melo, J. C. & Santos, N. B. (2008). O pássaro de dodó e os fatores comuns em Psicoterapia. *Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca*, 75-87. Recuperado de: http://www.psilogos.com/Revista/Vol5N1/Indice8_ficheiros/Trancas.pdf
- Vasconcellos, M. J. E. (2002). Pensando o pensamento sistêmico como o novo paradigma da ciência: O cientista novo-paradigmático. In M. J. E. Vasconcellos. *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência*. (pp. 147-184). Campinas, SP: Editora Papirus.

- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate em aberto. *Revista Temáticas*, 22(44), 203-220. DOI: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>
- Wagner, A., Tronco, C. & Armani, A. B. (2011). Os desafios da família contemporânea: Revisitando conceitos. In A. Wagner. *Desafios psicossociais da família contemporânea* (pp.19-35). Porto Alegre: Artmed.